

## **A INCLUSÃO ESCOLAR : DIÁLOGOS E EXPERIÊNCIAS DO AEE NA BIBLIOTECA E EM SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTALE MÉDIO JOVELINA GOMES-UIRAÚNA-PB**

Autora (1): Christianne Nogueira Donato Formiga; Coautor (1):  
Me Carlos Alberto Andrade ; Coautor (2): Maria Augusta Da Conceição;  
Orientadora:  
Profª Ma Rosilene Felix Mamedes

### **RESUMO**

A E.E.E.F.M. Jovelina Gomes-Uiraúna-PB vem desenvolvendo atividade de inclusão escolar a partir de um projeto interdisciplinar entre a sala de AEE, biblioteca e sala regular de ensino. Dessa forma, conta com o apoio das professoras destes espaços, para que de modo interdisciplinar os alunos possam desenvolver habilidades de leitura e manuais, socializando-se com os alunos com os “ditos normais”. Nesse contexto iremos descrever acerca do trabalho desenvolvido na biblioteca em consonância, e/ou complementação da sala de recursos multifuncionais e na biblioteca, para os demais alunos a biblioteca funciona como um espaço para que os alunos tenham apoio pedagógico, com reforço para atividade de leitura e escrita, além do projeto de leitura com os paradidáticos e os clássicos da literatura. Como metodologia as referidas docentes optaram por atividade manuais, para desenvolver a psicomotricidade de alunos com transtorno e /ou patologias Retardo Mental Leve, Dislexia, Déficit de Atenção, transtorno de aprendizagem, Hiperatividade, Deficiência Intelectual. Tais atividades são norteadas pelas habilidades de pintura, leitura, escrita, contação de histórias, buscando compreender a língua e a linguagem por meio de teias dialógicas construindo sentidos para os aprendentes. Os objetivos com este trabalho é além de desenvolver novas habilidades nos discentes, propiciar a socialização e a inclusão por meio de atividades significativas que envolvam afetividade e a inclusão de todos os envolvidos neste contexto de aprendizagem.

**Palavras- Chave:** Inclusão, Deficiências, biblioteca, AEE.

### **INTRODUÇÃO**

A inclusão escolar aos alunos da E.E. E. F. M. Jovelina Gomes- Uiraúna-PB. Tem se tornado motivo de debates e discussões. É notório tratar-se de uma temática que desperta interesse da sociedade e, sobretudo, da comunidade nos quais estes estudantes estão inseridos.

Neste contexto, iremos descrever acerca desse trabalho que está sendo desenvolvido na biblioteca e na sala do AEE, na referida escola supracitada, em consonância com a sala do AEE, que conta atualmente com (04) alunos que utilizam a biblioteca. A referida escola

funciona nos três turnos e oferece, nos turnos matutino e vespertino o Ensino Fundamental I e II, com turmas respectivamente e no período noturno, a modalidade Educação de Jovens e Adultos, e turmas com o PROJOVEM URBANO.

A escola conta com uma demanda de bastante diversificada, recebendo estudantes da Quixaba de Cima e de Baixo, Olho d'água, Olho d'água seco, município de Luís Gomes – RN, haja vista que é fronteira com São João Do Rio Do Peixe- PB, Ceará, Luís Gomes- RN, diversos bairros de Natal e de cidades da região metropolitana, como Extremoz e São Gonçalo do Amarante. A escola também possui alta demanda em relação a matrícula de alunos com Necessidades Educativas Especiais, entre os quais, alunos com Deficiência Intelectual, Paralisia Cerebral, Dislexia, Transtornos de Aprendizagem, entre outros.

Na perspectiva de garantir o acesso e permanência, bem como a continuidade nos estudos, de pessoas com deficiência ou necessidades educativas especiais nas salas de aula regulares, o Ministério da Educação, no âmbito das políticas públicas voltadas a Educação Especial, resolve implementar o Atendimento Educacional Especializado na escola regular, através da Resolução CNE/CEB Nº4, de 2009. Nesse sentido, o AEE possui natureza complementar e/ou suplementar, tendo como público alvo alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superlotação. Conforme a referida Resolução, o Atendimento Educacional Especializado deve acontecer na Sala do AEE ou em Centros de Atendimento Educacional Especializado da Rede Pública, e deve ser um suporte, na medida em que busca eliminar e/ou amenizar entraves e barreiras interpostas entre o sujeito inserido na escola e o conhecimento.

No quesito de acessibilidade a escola trabalhada possui (01) banheiro adaptado, as salas são com portas alargadas, caso haja algum estudante com necessidade especial, existe, ou seja, que precise utilizar cadeiras de rodas, que não é o caso, pois os alunos aqui trabalhados neste artigo atingem um público pequeno.

No intuito de contribuir com a aprendizagem dos alunos, a professora da SRM- SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS ou AEE- Atendimento Educacional Especializado, além de trabalhar com os demais professores tem que ser parceiro com a biblioteca também que está ali no intuito de auxiliá-la, dando um suporte à professora da SRM e ou AEE, e a todos do corpo docente que precise da biblioteca para melhorar sua aula, ou necessite de algum material didático, tanto para os professores quanto para o corpo discente.

Entretanto, essa ponte nem sempre é construída de maneira satisfatória, pois as posturas adotadas pelos professores das salas regulares, sobretudo aquelas em que não há um professor de educação especial para auxiliar os estudantes, muitas vezes é de distanciamento e

de resistência, no sentido de fazer atividades adaptadas para estes estudantes, bem como adaptações curriculares e avaliações adaptadas.

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 OBJETIVO GERAL**

- Este trabalho tem o intuito de relatar a experiência vivenciada no ano de 2017/2018 com os estudantes atendidos na SRM e ou AEE, e na biblioteca desta escola.

### **1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Compartilhar vivências que possam promover a inclusão escolar de alunos com deficiência no espaço escolar, utilizando o espaço da biblioteca para consolidar a aprendizagem na sala do SRM e ou AEE.
- Mostrar que o Atendimento Educacional Especializado possui natureza complementar e/ou suplementar para o desenvolvimento dos estudantes do SEM E OU AEE e não tem caráter substituto da sala regular.
- Demonstrar que, no contexto da diversidade, as singularidades de cada ser, as especificidades, a complexidade e heterogeneidade das aprendizagens devem ser respeitadas.
- Socializar a experiência do AEE na biblioteca, mostrando sua funcionalidade no âmbito escolar, para que a inclusão escolar para que aconteça no espaço inclusivo na própria escola.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho foi desenvolvido ao longo do ano de 2017 e tendo continuidade em 2018 na referida escola supracitada, tendo como objeto de estudo 04 (quatro) alunos entre 12 (doze) e 16 (dezesesseis anos), atendidos na SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E OU AEE, no turno vespertino, na escola citada anteriormente, entre os quais: 01(um) estudante com Hiperatividade, 02(dois) com Deficiência Intelectual e 01(um) estudante com Transtorno de Aprendizagem e de Comportamento.

No decorrer do ano letivo de 2017, e o corrente ano estão sendo registrados também os atendimentos e intervenções realizados na Sala DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E OU AEE foram devidamente registrados, diariamente, em cadernos da professora e de cada aluno individualmente. Inicialmente, foram feitas entrevistas com os pais dos alunos, acerca das especificidades de cada um, do desenvolvimento motor, da fala, social e afetivo, a fim de obter dados acerca do diagnóstico médico, das medicações e seus efeitos, dos acompanhamentos que fazem com outros profissionais para além da escola. Também foram feitos registros fotográficos.

Dessa forma, os atendimentos, que acontecem no contra turno, foram realizados individualmente, com duração de 50 (cinquenta) minutos, duas vezes por semana, como também, em pequenos grupos, de três até no máximo quatro alunos, para não comprometer a qualidade e ao mesmo tempo, propiciar momentos de interação entre os alunos, visando o desenvolvimento sócio afetivo dos mesmos. Entretanto, dadas as particularidades de cada estudante, é recomendado, em determinadas condições, como o aluno com Hiperatividade, por exemplo, que o Atendimento aconteça de forma individual. Assim, foram utilizados vários recursos, entre os quais: jogos matemáticos e de alfabetização, recursos tecnológicos (notebook), oficinas de Artes, materiais recicláveis, em como diversos outros materiais pertinentes a cada situação de aprendizagem.

A partir do diagnóstico inicial do alunado, elaboramos o Plano de Atendimento Individualizado, instrumental padrão para todas as Salas do AEE (Atendimento Educacional Especializado) ou sala de recursos multifuncionais à Secretaria de Educação e Cultura do Estado Da Paraíba, representado através da FUNAD – FUNDAÇÃO CENTRO INTEGRADO DE APOIO AO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA- é um órgão do governo do Estado da Paraíba ,vinculada a secretaria de Estado da Educação, referência no serviço de habilitação e reabilitação que dá suporte ao nosso Estado há todo tipo de deficiências.

O aluno será trabalhado a partir do diagnóstico da aprendizagem e das necessidades de cada aluno, passamos a equipe da escola realizará as intervenções planejadas, acompanhando o desenvolvimento de cada alunado, fazendo os ajustes necessários no Plano de aula , no decorrer do ano letivo da sala de recursos multifuncionais e ou AEE ,na escola existe um prontuário do aluno, que especifica a sua deficiência que será sendo trabalhada com a professora da sala de recursos multifuncionais e ou AEE.É portanto a 1ª triagem realizada na própria escola em consonância com a FUNAD, E A 9ª Gerência de Ensino ,encaminhada a Cajazeiras- PB.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para embasar o trabalho desenvolvido na Sala de recursos Multifuncionais e ou AEE, a secretaria da Educação, através da 9ª Gerência de Ensino em Cajazeiras promove encontros mensais com os professores do AEE (ou de acordo com demandas específicas, variando a frequência) de formação continuada, ofertados na FUNAD- Fundação Nacional de Assistência a pessoa com deficiência, sendo este órgão responsável por esta continuidade na Capital, caso o aluno necessite.

No entanto, precisamos de aporte teórico para dar continuidade ao trabalho diário realizado dada a complexidade das situações com as quais lidamos, da necessidade de se compreender esses sujeitos em sua totalidade, como ele aprende, quais as potencialidades e limites, qual o pensamento de autores contemporâneos que pensam a educação. Dessa forma, buscamos leituras de teóricos, entre as quais: Vygotsky, Cosenza, Almeida, entre outros, bem como documentos do Ministério da Educação – MEC.

A leitura faz parte da vida dos seres humanos desde o primeiro contato com o mundo. Ainda no ventre das suas mães as crianças passam a ter contato com o mundo por meio dos sons, vivenciando o elo afetivo que é construído com a mãe e com aqueles que fazem contato com o bebê por meio de conversas, músicas e tudo que envolve a oralidade e o mundo. Neste momento, as crianças aprendem a fazer parte por meio do olhar da mãe.

Para Possenti, a defasagem do ensino de Língua Portuguesa está intrinsecamente relacionado ao uso das concepções de linguagem e o tipo de ensino adotado pela escola. De acordo com ele, o objetivo da escola está veiculado apenas ao ensino da língua padrão, ou seja, ao dialeto prestigiado que é a língua culta (a escrita), desta maneira a escola exclui o dialeto das camadas menos prestigiadas que é configurada pela linguagem utilizada pelas camadas sociais menos favorecidas sócio-culturalmente. Ele ainda acrescenta que, apesar dessa dissociação existente entre língua e ensino não podemos desvincular o ensino destes dois tipos de dialetos o padrão e o não-padrão porque se houvesse esta desvinculação estaríamos anulando o ensino da Língua Portuguesa.

Ensinar gramática é ensinar a língua em toda sua variedade de usos, e ensinar regras é ensinar o domínio do uso.(...) As gramáticas tradicionais nos dão uma impressão de exaustividade às custas de uma extrema superficialidade e vagueza.(...) É o conhecimento da língua que faz com que compreendamos aquilo que os compêndios gramaticais dizem a seu respeito e é eventualmente a falta de domínio de determinada estrutura que faz com que os alunos apresentem dificuldades na análise(...)(POSSENTI, 2002, p.86).

Possenti, ao falar da dificuldade de se ensinar gramática ele aborda os que se denominam de “erros” gramaticais e para ele “Sendo a língua uma realidade essencialmente variável, em princípio não há formas ou expressões intrinsecamente erradas (POSSENTI, 2002, p.86). Sabendo da importância da linguagem, e tendo esta como base para o ensino de língua materna, entendida aqui como língua portuguesa, focalizamos apenas a terceira concepção que é a que nos interessa. Pois, ela concebe a linguagem como processo de interação e como lugar de constituição de relações sociais. Nesta concepção, o indivíduo não usa a língua apenas para exteriorizar o pensamento ou transmitir informações a outrem, mas também como forma de realizar ações, e de agir sobre o interlocutor.

De um lado há os que pretendem que a escola deva respeitar e preservar a variedade lingüística das classes populares, e sua peculiar relação com as linguagens, consideradas tão validas e eficientes, para comunicação quanto à variedade lingüística socialmente privilegiada. Nesse caso a escola deveria assumir a variedade da camada menos prestigiada como instrumento do discurso escolar (dos professores, dos alunos e do material didático). Por outro lado há quem afirme a necessidade das camadas populares deterem o domínio do dialeto padrão, próprio das classes dominantes porque a posse desta forma específica de relação com a linguagem seria fundamental na luta pela superação da desigualdade social.( SOARES, 1983)

O autor Libâneo também mostra o papel social da educação e como os conteúdos são determinados pelas sociedades, apontado a importante relação da educação com os processos formadores da sociedade *"desde o início da história da humanidade, os indivíduos e grupos travavam relações recíprocas diante da necessidade de trabalharem conjuntamente para garantir sua sobrevivência"* (Libâneo, 1994, p.19).O autor considera estas influências como fatores fundamentais das desigualdades entre os homens, sendo um traço fundamental desta sociedade. Colocam as ideologias como valores apresentados pela minoria dominante, politizando a prática educativa e demonstrando o seu envolvimento com o social. Para ele:

“Educação é um conceito amplo que se refere ao processo de desenvolvimento unilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidade humanas-físicas, morais, intelectuais, estéticas- tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais” (LIBÂNEO, p. 22)

Partindo desse novo princípio do ensino de língua, cabe agora trabalhar a leitura em seu sentido global e a produção textual, visto que este é infinito e permeia todo o mundo letrado ou não. Pois os gêneros vão desde uma simples receita de bolo ou panfleto que recebemos nas ruas até ao mais sofisticado artigo científico, ou ainda um lindo poema de Vinicius de Moraes.

Enfim, esse novo olhar do ensino de língua através dos textos é bem mais abrangente do que podemos enumerar mesmo porque o nosso foco aqui é relatar as contribuições destes para as

aulas de língua- leitura e produção textual, em que o docente e o discente têm um único objetivo que é o aprendizado da língua pela interação aluno-professor / texto- leitor-autor.

Esse mesmo ponto de vista é compartilhado por Kleiman (1995), que ao concordar com Vigotsky e pedagogos neovigotskianos a afirma, “*que a aprendizagem é construída na interação de sujeitos cooperativos que tem objetivos comuns*”, baseados nesta concepção notamos que o objetivo comum entre o aluno-professor é o aprendizado e ambos precisam cooperar para que esta se efetive o aprendizado, já que o objetivo é aqui é a leitura no sentido amplo e não meramente decodificação de símbolos.

Para um ensino-aprendizagem eficiente, Freire mostra atitudes que os professores devem tomar para proporcionar a autonomia aos seus alunos, ressalta a importância do papel do educador em não só transmitir seus conhecimentos, bem como ensinar “a pensar certo”. Se o professor apenas age mecanicamente transmitindo conhecimentos de “frases mortas” que não vão refletir nos alunos esta contribuindo para o fracasso educacional dos seus alunos.

O docente precisa constantemente de estudo, de pesquisas para que possa está integrado no mundo globalizado, que sempre exige uma reciclagem continua por parte de todos e em especial do docente que é um formador de opinião e que faz parte do mundo escolar que é um local de trocas de conhecimentos em que o professor é o alicerce principal juntamente com o aluno. Para tanto, Freire diz que é necessário que se haja “*curiosidade como inquietação indagadora, (...). Não haveria criatividade sem curiosidade que nos move diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos*” (p.35).

Segundo a linha de pensamento de Freiriana, somos conscientes da nossa responsabilidade o quanto docente e formador não só de opinião, bem como, formador de cidadãos que interagem em um meio social e precisam assumir-se como ser social e parte integrante deste meio capaz de transformar, de criar e de agir sobre ele.

Assim, não mudou apenas o conceito do ensino de língua, mas também, o comportamento do docente frente ao ensino e as suas responsabilidades o docente, na atualidade é concebido como um mediador de conhecimento, e para esta função ele tem como obrigação fazer com que seu alunado sintam-se bem em estar na sala de aula e em fazer parte das atividades do currículo escolar. Para isso, estas atividades não podem ser impostas, tão pouco a leitura pode ser apenas obrigatória.

Libertar o leitor é deixá-lo em contato com o livro e permitir que ele sozinho busque seus caminhos literários, através de seus próprios meios – tirando do texto o que mais lhe interessar no momento, usufruindo aquilo que veio de encontro às suas buscas, sentindo prazer de ler pelo ler, sem ser cobrado depois. (CAGNETI, p. 60)

Este tipo de ensino fundamenta-se em uma concepção sócio-cognitivo-interacional de língua que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processo de interação. O lugar mesmo de interação, é o texto cujo sentido “não está lá”, mas é construído, considerando-se, para tanto, as “sinalizações” textuais dadas pelo autor e conhecimento dos leitores, que, durante todo o processo de leitura, deve assumir uma atitude “responsiva ativa”. Em outras palavras, espera-se que os leitores, concordam ou não com as ideias do autor, complete-as, adapte-as etc., uma vez que *“toda compreensão é preche de respostas e, de uma forma ou de outra, forçosamente, a produz”* (BAKHTIN, 1922:290 *apud* Koch, 2006: p.12).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado das intervenções foi muito positivo, uma vez que buscamos aplicar os conceitos dos teóricos da língua x linguagem para ter resultados significativos deste o contato com o universo da leitura até as práticas da escrita. Trouxemos para nossa prática pedagógica o legado deixado por Freire, mas, sobretudo, pensar a linguagem como uma forma de aproximação desses alunos já tão distantes da escola, da leitura e da escrita formal. Conseguimos obter avanços com os alunos, porém, como mencionado anteriormente, há muita resistência quanto à adaptação curricular por parte dos professores da sala regular e a presença e colaboração da família, que às vezes não obtemos de forma satisfatória.

Apresentaremos a seguir, breves relatos acerca do trabalho e algumas intervenções realizadas.

**A1** – com 14(quatorze) anos, tem diagnóstico de Hidrocefalia com retardo mental e devido a um acidente onde a sua cabeça e seu corpo foram arremessados no chão teve traumatismo craniano. A sua cabeça não para de crescer, devido ao excesso de água da mesma. Segundo (sic) da sua avó ao qual hoje é a sua tutora.

A sua família encontra-se em situação de vulnerabilidade social, mas, devido a este acidente com o aluno, hoje se encontra aposentado, deficiência, por isso foi encaminhado ao atendimento especializado. A família mora em casa alugada e os seus pais biológicos tem origem humilde e o seu pai sofre de alcoolismo e a mãe deu para sua avó criar. O aluno dizia gostar de seu pai. Estes fatores podem interferir diretamente no aspecto emocional do aluno, impactando na aprendizagem. Mostra ser um menino com mudança de humor, ansioso, participativo nas aulas, porém muito quieto e agitado. Tudo se desconcentra, é atendido separadamente dependendo de seu humor. Segundo relatos da professora, ele não consegue se concentrar nas atividades e na maioria das vezes entra em conflito com colegas. De acordo

com a sua avó em casa, não consegue se socializar, bate no irmão e tem hora que compartilhe os brinquedos. Se dispersa com muita facilidade. Tudo é “chato”, se encontra em processo inicial de alfabetização, faz um ano (01) e meio e ele não escreve o próprio nome sem ajuda, em decorrência do esquecimento ou comodismo, situação socioeconômica em que vive sua família, devido a sua aposentadoria. As Aulas (são duas vezes por semana, com duração de 50 (cinquenta minutos).

As estratégias adotadas, priorizando o aspecto lúdico e o uso de jogos variados, pois, “a atividade lúdica envolve três funções: a socializadora (o papel da escola é promover a socialização e inclusão do alunado), a professora e psicopedagoga acompanha o retrocesso desse adolescente utiliza jogos educativos, trabalha a atividade psicomotora que é bastante debilitada ao realizar, pinturas, cobrir, recortar figuras com animais, apresenta as mãos trêmulas e mesmo assim realiza as tarefas. Fizemos oficinas de arte, com recorte e colagem, jogos de alfabetização, atividades com alfabeto móvel, entre outros.

Tendo em vista o desenvolvimento de habilidades necessárias à aprendizagem, como a coordenação motora fina, concentração e atenção, áreas em que apresenta déficits acentuados. Dadas as condições adversas, o aluno não obteve avanços, sobretudo na concentração. A1 iniciou o AEE em abril/17 e em agosto, iniciou atendimento no colégio, o diagnóstico se deu através de um médico clínico, com uso de medicação, bem como passou a ser atendido no CAPS da cidade de Uiraúna –PB, sendo este centro responsável por sua medicação controlada, e quando tem suas crises o aluno costuma faltar.

O atendimento do mesmo existe até hoje nunca foi interrompido. No que se refere à linguagem, é bastante comunicativo, porém é analfabeto, tem dificuldade, na escrita, a letra não é boa, sabe assinar o seu primeiro nome e o seu sobrenome, apresenta mãos trêmulas, o aluno está estagnado, não evolui, é o seu limite, por mais que insistimos, entende mas não evolui como deveria, assim, procurei trabalhar os seus limites, respeitando-o.

## **CONCLUSÃO**

A inclusão escolar assim como a sala de recursos multifuncionais e ou AEE, nos oferece muitos desafios e conquistas, são na verdade um campo novo, para os professores que trabalham com esses novos alunos. Entretanto, falta, não somente nas escolas, mas na sociedade como um todo, um olhar sensível, acolhedor, para com as diferenças e os diferentes. É preciso aceitar e valorizar o tempo de cada ser, as potencialidades que estes

alunos com necessidades especiais possuem, respeitando as peculiaridades de cada deficiência, e, portanto, respeitando este sujeito, que é um cidadão de direitos.

São muitos desafios e também muitas conquistas. Conquistas no sentido de ver a evolução dos alunos, mesmo que às vezes as consideremos pequenas, são muito valiosas para a vida destes jovens meninos e meninas, e também adultos, que atendemos na SRM, pois vivemos em uma sociedade que ainda precisa evoluir muito no quesito inclusão, pois as instituições escolares, ao reproduzirem constantemente o modelo tradicional, não tem demonstrado condições de responder aos desafios da inclusão social e do acolhimento as diferenças, nem de promover aprendizagens necessárias a vida em sociedade [...]. (MANTOAN, 2006, p. 27)

Infelizmente, há na própria escola, entre a maioria dos professores das salas regulares, sobretudo os que lecionam disciplinas específicas do Ensino Fundamental II, uma resistência muito grande em fazer adaptação curricular e avaliações adaptadas para os estudantes com necessidades específicas. Qual a percepção destes professores acerca dos alunos especiais? Questionamentos do tipo: “o que esse menino vai aprender? ”, “e ele aprende alguma coisa? ”, “ele vai socializar o que, se mandou fazer trabalho em grupo e ele fica lá parado?”, “são muitos alunos na sala, não tenho como dar atenção a ele” não são incomuns.

De fato, o ideal seria que, para cada sala de aula em que houvesse um aluno com necessidades especiais e que contasse com o apoio de um professor auxiliar. Esse apoio faria uma grande diferença. Mas como não é possível, trabalhamos com os recursos dos quais dispomos. Falta, não somente nas escolas, mas na sociedade como um todo, percebemos um olhar sensível, acolhedor, para com as diferenças e os diferentes. Afinal, não está escrito em nenhum manual de psicologia, neurociências, ou outra área, enfim, que as pessoas são iguais e devem agir umas conforme as outras, seguindo padrões de conduta, comportamento e aprendizagem socialmente aceitos e valorizados. Por isso é necessário capacitação do professor (a) que trabalha com esse público, além do apoio da família, que deve ser sempre parceira da escola para se ter êxito com estes alunos, mas todos nós sabemos que a realidade é que a família do alunado não colaboram, não procura ajuda médica, interrompem o tratamento dos seus filhos, enfim é essa realidade que se deparáramos no nosso Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Teoria e pratica em Psicomotricidade: jogos, atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 04, de 02 de outubro de 2009: Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, Modalidade Educação Especial.

COSENZA, Ramon M. GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERREIRA, Marcia. **Ação psicopedagógica na sala de aula: uma questão de inclusão**. São Paulo: Paulus, 2001.

MANTOAN, M.T.E. . **Compreendendo a deficiência mental: Novos caminhos educacionais**. São Paulo: Scipione, 1988.

\_\_\_\_\_ ; PRIETO, R. G. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. Valeria Amorim Arantes, org. São Paulo: Summus, 2006.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. **Educação Inclusiva: pratica pedagógica para uma escola sem exclusões**. São Paulo: Paulinas, 2014.

VYGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Org. Michael Cole; tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Mena Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.